

Dualismo pulsional e a constituição do Eu: intrincações teóricas

Luciene Menegaz Beckenkamp¹

Resumo: Muitos têm se debruçado sobre o pensamento freudiano após o ano de 1920 no que se refere à constituição do eu alicerçada na dualidade pulsional, marcadamente sobre manifestações da intrincação das duas pulsões fundamentais ambientada no tempo do masoquismo erógeno primário. Este ensaio propõe tecer enlaces entre as construções metapsicológicas freudianas a respeito dos desdobramentos da segunda tópica (Freud, 1920/1996b, 1923/1996c, 1924/2007a, 1925/2007b, 1930/1996d) e as contribuições de André Green (1988, 1990, 2008) sobre esses processos primordiais constituintes do psiquismo, bem como seus impedimentos ou limitações, recorrendo-se também às revisões e construções conceituais de Benno Rosenberg (2003) e René Roussillon (2019). Partindo de Freud e tomando emprestados os modelos teóricos de Green e Rosenberg sobre como se vai configurando o masoquismo erógeno primário através da intrincação pulsional primeira, o artigo revisita o tempo-espaço onde o Ego de Prazer Purificado, paulatinamente, promoverá a complexização da vida psíquica e o asseguramento da vida como um todo. Valendo-se da dimensão temporal de espera/esperança promovida pela erotização da dor, esse eu primitivo vai adquirindo a possibilidade de desviar uma parte da pulsão de morte e dela servir-se para complexizar-se, possibilitando o encontro com o objeto e a correlata construção de si enquanto sujeito psíquico. Situando nesses processos de construção egóica o trabalho do negativo (Green, 2010), exploram-se os movimentos de *ligação-desligamento-nova ligação* que podem se dar das mais variadas formas, desde negações instauradoras dos lugares-função

¹ Psicóloga Clínica. Membro do Instituto de Psicanálise da SBPdePA.

psíquicos até os processos de negação promotores das patologias mais severas. Assim, fazendo trabalhar as ideias sobre o masoquismo erógeno primário e o narcisismo primário, pensamos expandir o fazer analítico, convocados que somos por diferentes formas de ser e de sofrer que dizem de uma clínica do não erógeno, do não representado e suas manifestações sem palavra, em ato no corpo e no mundo.

Palavras-chave: Constituição do eu. Dualismo pulsional. Masoquismo erógeno primário.

O berço dos egos arcaicos: o masoquismo erógeno primário

Freud (1900/1974) nos traz a expressão “O sonho é o guardião do sono”. Parafrazeando o mestre, Benno Rosenberg (2003) propõe que “O masoquismo é o guardião da vida”, aludindo às ideias freudianas que, após 1920, vão construindo as noções de um masoquismo anterior ao sadismo, bem como implicando a progressão da vida psíquica no dualismo pulsional. Retoma-se aqui essa ideia de “guardar/guarnecer/proteger” por entender que o masoquismo erógeno primário teria essa função de proteger a expansão da vida, fornecendo o ego incipiente condições de sobreviver e se complexizar, aludindo a uma disposição passiva originária. Como esse processo todo se dá, bem como qual o papel do dualismo pulsional e do masoquismo erógeno nesses inícios, é o que se pretende pincelar como contribuição ao (re)pensar a escuta de sujeitos em que falhas narcísicas se apresentam como reação terapêutica negativa ou em passagens ao ato, impossibilitadas que estão de se fazerem representar no psiquismo e se referendarem pela palavra.

Iniciemos refletindo sobre como, com a segunda teoria das pulsões, Freud (1920/1996b, 1923/1996c) vai se dando conta da existência de uma pulsão mortífera que, a princípio, impediria os processos de manutenção e expansão da vida, primando por um retorno ao inorgânico, em busca de um grau zero de tensão. Em *O mal-estar na civilização* (Freud, 1930/1996d), já afirma com convicção o primado dessa pulsão que nomeou de pulsão de morte, reafirmando sua característica de ubiquidade, colocando-a como a pulsão por excelência, posta que estaria, desde o início, como força impulsionadora da volta ao estado anterior — volta ao estado de “Lógica do Todo” intrauterina como escolhe nomear Roussillon (2019) — uma vez que o psiquismo incipiente não consegue dar conta das intensidades às quais é submetido ao nascer.

Será o investimento do objeto, seu modo de presença junto ao bebê (Roussillon, 2019) nesses momentos iniciais, que, tal qual um encantamento,

enlaçará/amansará/libidinizará essa força desintegradora da pulsão de morte, bem como promoverá a transformação do Princípio de Nirvana, que a rege com sua busca por estabilidade mórbida, em Princípio da Constância, enlaçada que está pela libido que busca por homeostase narcísica. Esse novo princípio pelo qual funcionará o ego incipiente surge pelas ações específicas do objeto as quais, inaugurando vivências rítmicas de altos e baixos de tensão, proporcionarão que experiências disruptivas sejam acolhidas e amansadas por sua libidinização. Eis aí o “objeto meio-maleável” proposto por Roussillon (2019) ou ainda o “objeto da função alfa” de Bion (1962/2003) aquele que recebe, transforma e devolve desintoxicadas as intensidades do pequeno ser humano, limitando seu potencial destrutivo de descarga esvaziadora.

Para que tudo isso se estabeleça, é preciso que haja frequências de tempo, ou períodos para usar o termo freudiano em *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1950/1996a). Esse tempo é representado pelo que Freud vai denominar (1924/2007a) de masoquismo erógeno primário. A ideia aqui é explorarmos um pouco como isso se dá.

Quando Freud (1920/1996b) intitula de *Além do princípio do prazer* o artigo em que coloca a pulsão de morte como a força primordial que silenciosamente busca a tensão zero, conta-nos que o Princípio do Prazer — aquele que, anteriormente, afirmara ser a premissa básica do funcionamento psíquico — não é o único a reger o psiquismo. O Princípio do Prazer seria a modificação de princípios bem mais iniciais. Aponta, inclusive, qual é a força que promove essa modificação do Princípio de Nirvana (descarga total da tensão) em Princípio da Constância (tensão mínima circulando no aparelho psíquico): essa força é a libido, energia de Eros, pulsão sexual a qual é despertada pela erotização do bebê feita pelo objeto e que domesticará a pulsão que quer retornar ao nível zero de tensão. Assim, é com o intrincamento pulsional que aquilo que fora da ordem do Princípio do Nirvana transforma-se em Princípio da Constância, sendo este, posteriormente, desdobrado em Princípio de Prazer e atingindo uma potencialidade última no Princípio de Realidade. Essas transformações originam, respectivamente, os três egos descritos por Freud: Ego de Realidade Inicial (ou Ego Real Primitivo), Ego de Prazer Purificado e Ego Real Definitivo (Freud, 1917/2006, 1923/1996c, 1925/2007b). Seria desse modo que Freud vai dando forma ao surgimento e amadurecimento do eu partindo de um narcisismo primário proporcionado pela intrincação pulsional e seu correlato temporal, o masoquismo erógeno primário. Este último o responsável por guarnecer de tempo a sustentação de tensão em certa medida no eu para que uma determinada quantidade de energia — libido narcísica — seja investida nos órgãos, fomentando o surgimento da sensorialidade, do prazer do órgão, do autoerotismo.

Retomando: o Ego Real Primitivo seria a mais incipiente formatação do eu e se constituiria nesse momento primeiro de libidinização feita pelo objeto que, domesticando essa tendência de descarga motora esvaziadora e destrutiva, promove uma vivência de dor erotizada, transformando uma tendência inicial perigosa de funcionamento pelo Princípio do Nirvana, com sua busca de nível zero de tensão, em passividade propícia a um nível de tensão mínimo nomeado como Princípio de Constância. Esse contorno do desamparo passivo originário será denominado por Freud (1924/2007a) de masoquismo erógeno primário e contará com a importância imprescindível das figuras parentais primeiras denominadas por Roussillon (2019) de *objeto meio-maleável* o qual, além de se apresentar para a ação específica, libidinizará o bebê, amansando a pulsão de morte.

Aos poucos, esse ego incipiente começa a diferenciar o dentro e fora pelo critério da fuga: dos estímulos de que consegue fugir, cria-se a noção de “fora do psiquismo”; dos que não consegue, surge a experiência de um “dentro” que traz exigência de tramitação e trabalho de uma intensidade que nele pulsa e pede por destino. A primeira possibilidade de dar conta dessas intensidades da vida que se inicia é pela descarga vasomotriz, pela ação motora. Aos poucos, a partir da ação específica do objeto que promoverá as primeiras experiências de satisfação, o eu em expansão terá o anseio de repetir essas vivências de rebaixamento de tensão que deram conta das intensidades das quais não conseguiu escapar — as de dentro — criando uma incipiente noção de ego corporal (Freud, 1923/1996c). Essa expectativa de satisfação Green (1988b) nomeou de “lógica da esperança”, lógica que se transforma em “lógica do desespero” nos pacientes-limite.

Para sustentar masoquisticamente a tensão interna e não desistir e querer voltar ao inorgânico, o *infans* precisa ficar de posse de apenas alguma quantidade de pulsão de morte que consiga suportar. O que faz o psiquismo do bebê com a parte dessa pulsão que lhe é excessiva e perigosa porque autodestrutiva, descomplexizante, mortífera? Desvia para o exterior transformando-a no que Freud (1930/1996d) denominou de pulsão de destruição. Estamos aqui na conquista deste novo terreno onde reinará “sua majestade o bebê”, sob forma de Ego de Prazer Purificado em que o eu é o que é prazeroso e bom e o não-eu, o exterior, não é mais indiferente como no início, mas é o desprazeroso. É o tempo do surgimento do narcisismo primário que vai, aos poucos, reunindo as zonas erógenas em um primeiro sentimento de continuidade de si. Aqui, o objeto é espelho, não um ser separado, mas alguém que se coloca, com sua ação específica, como uma oportunidade para o *infans* ir criando essa primeira identidade narcísica. É o objeto que se apresenta como meio-maleável (Roussillon, 2019)

sem invadir, recebendo as expulsões da pulsão de morte excessivas do bebê, as quais, enlaçadas por Eros, chegam impiedosas e barulhentas, em forma de pulsão de destruição. Neste tempo, pensa-se o sadismo como um masoquismo expulso para outro lugar que não no eu (Freud, 1924/2007a). Roussillon (2019) traduz como *reflexibilidade* esse *modo de presença do objeto* o qual não é ainda um outro sujeito investido, mas um espelho que recebe/reflete/contém/libidiniza os estados internos do psiquismo incipiente que ainda não sabe de si. O objeto, ao receber esse excesso sem retaliação, fomentará que o bebê tenha condições internas de suportar momentos de não-integração perigosos e ir constituindo, aos poucos, essa primitiva organização egóica que Freud (1914/2004) chamou de narcisismo primário.

Esse bebê que pode sentir um bem estar de base, contendo em si, enquanto um ego real primitivo, um nível mínimo de tensão, e que tem espaço e tempo para evacuar a intensidade mortífera da pulsão primordial (Freud, 1930/1996d), começa muito aos poucos a abrir os canais de sensorialidade e a encontrar, mais adiante, o primeiro objeto: o objeto odiado (Freud, 1925/2007b). É o amadurecer do Ego de Prazer Purificado — em direção ao Ego Real Definitivo — com o surgimento das primeiras diferenciações entre o percebido na realidade e o representado dentro de si. É tempo do princípio do prazer e do ego ideal com seus investimentos libidinais narcísicos. Mais tarde, ocorre o aparecimento gradativo do Princípio de Existência como organizador de um eu mais maduro, o Ego Real Definitivo, com o primado do Juízo de Realidade e não apenas o Juízo de Atribuição soberano no Ego de Prazer Purificado, tempo do narcisismo primário e do eu ideal. Esse novo juízo do qual se utiliza o ego possibilitará novos julgamentos, ou seja, agregará novas maneiras de pensar, em especial a que diferencia o percebido do representado no pré-consciente em construção. O objeto não é mais espelho, torna-se, gradativamente, um outro sujeito que satisfaz e frustra, abrindo a possibilidade de simbolização da ausência a partir da presença de contenção, libidinização e reflexibilidade ritmicamente fornecida pelos objetos primários e experienciadas pelas organizações egóicas anteriores.

Todo esse processo de surgimento desses três formatos de ego, desde um emaranhado de vias facilitadas (Freud, 1950/1996a) até o Ego Real Definitivo, só é viabilizado como produto da intrincação da pulsão de morte por Eros, tempo em que o ego mais arcaico conseguirá investir os órgãos e impulsionar o autoerotismo a partir dessa passividade originária e da coexcitação libidinal característica da sexualidade infantil (Freud, 1924/2007a).

O correlativo do masoquismo erógeno primário: a intrincação pulsional e seus desdobramentos

Uma questão que se coloca, para além da existência das duas pulsões, também foi alvo de interrogações em Freud:

Saber como as duas se misturam no processo de vida, como a pulsão de morte é colocada a serviço de Eros, sobretudo quando a pulsão se volta para o exterior como agressão, eis aqui tarefas que estão reservadas à pesquisa futura. (Freud, 1930/1996d, p. 145)

Suas elucubrações teóricas a partir disso vão nos atentar para o fato de que as pulsões não seriam heterogêneas, mas autônomas, estando o antagonismo relacionado às suas funções: ligar/desligar em Eros, e construir/desconstruir na pulsão de morte (Freud, 1930/1996d). Benno Rosenberg (2003) endossa essa importância de diferenciar as pulsões de vida e as de morte por seus objetivos, uma vez que sua intrincação não pressuporia uma mistura que as transformaria em uma só. Isso se torna relevante na medida em que coloca a desintrincação como também necessária aos processos psíquicos, caracterizados por Green (1988b) como *ligação-desligamento-nova ligação*.

Green (1988b) agrega sentido a essas proposições ao assinalar que o objeto revela a pulsão e a pulsão cria o objeto. Confere ao que chamou de *lógica da esperança* o investimento que o eu primitivo fará na própria dor, sendo que o investimento no próprio *ato de investir* — processo de objetualização — seria o que encontra prejudicado no psiquismo daqueles a quem denominou de *pacientes-limite*. Essa “lógica da espera” na dor erotizada parece traduzir a necessária passividade em que o desamparo inicial coloca o ser humano em seus primórdios de vida extrauterina. Passividade essa, que não libidinizada, oportuniza à pulsão de morte agir silenciosamente e levar o bebê de volta ao inorgânico caso os primeiros encontros continentais e narcisizantes com o objeto não aconteçam. Seguindo por esses inícios, Roussillon (2019) se ocupa das construções teóricas freudianas apontando para a importância dos ritmos de presença e ausência que permitem a captação de frequências pelo Ego Real Primitivo e sua paulatina qualificação pelo Ego de Prazer Purificado como prazerosas ou desprazerosas, instituindo um primeiro modo de pensar que seria o Juízo de Atribuição (Freud, 1920/1996b). Esse movimento apenas se fará presente na construção do psiquismo, como já aqui mencionado, se o objeto externo, através da ação específica, proporcionar que o ego mais incipiente, Ego Real Primitivo, vivencie o Princípio da Constância, ou seja, consiga se

regular para um mínimo de tensão necessária à vida. Para que isso aconteça, a pulsão de morte, regida pelo Princípio de Nirvana — tensão zero — precisa ser enlaçada por Eros e desviada, em sua maior parte, para fora do psiquismo pela ação muscular. Esse “resto” de pulsão de morte que permanece no interior do aparelho psíquico constituirá o masoquismo erógeno primário: um tanto de dor erotizada que servirá, por sua vez, para regular Eros o qual, do contrário — e paradoxalmente — provocaria a satisfação plena do Ego de Prazer Purificado, levando a um Narcisismo de Morte segundo Green (1988a) pois que causaria a morte do desejo, correlativa à morte psíquica ou, em outras palavras, provocaria a inércia do projeto desejante, da função objetalizante. Nesse sentido, Benno Rosenberg (2003) relembra que uma pulsão regula a outra, que ambas são fatais quando desintrincadas e deixadas à sua própria ação desenfreada.

Assim, é reforçada a premissa de quanto a moderação das forças pulsionais, uma pela outra, confere existência ao eu, bem como promove seu amadurecimento através da criação do objeto. Esse objeto, criado pelo caminho que a libido segue na carona, intrincada, com a pulsão de morte expulsa do ego arcaico, não seria investido em demasia, de forma que o eu e ele não pudessem se diferenciar, pois um pouco de dor — tensão — fica masoquisticamente investida, o que também impede o esvaziamento completo da energia psíquica a ser usada pelos processos de pensamento primitivos que se dão pelos juízos já referidos. Nesse ponto, Rosenberg (2003) pondera que é mister haver uma intrincação pulsional *relativa*, ou seja, necessária se faz uma dose de pulsão de morte que, com sua função desagregadora, promoverá o estabelecimento de uma “proximidade ótima” com o objeto, sem fusão deste com o eu, nem seu desaparecimento por um sadismo — enquanto vivência ativa do vivido inicialmente pela passividade originária - aniquilador dos processos de objetalização. Aqui, referendamos Green (1990) quando aponta as dificuldades dos pacientes-limite em suas relações objetais pontuadas por oscilações polarizadas de supraligação ou desligamento libidinal maciço, oscilações no próprio processo de investimento e seu oposto, o desinvestimento, processos por ele referidos como objetalização e desobjetalização.

Em direção ao Ego Real Definitivo: a importância da intrincação-desintrincação *relativas* das pulsões

Buscou-se descrever até aqui como a intrincação relativa das pulsões acarreta duas situações correlatas: o masoquismo erógeno primário e o narcisismo primário. Este último é caracterizado por um tanto de pulsão de morte e outro tanto de libido narcísica, intrincadas no interior de Ego Real Primitivo. Esse primeiro ego

arcaico vai sabendo de si pelo mecanismo de defesa mais primordial, a fuga do estímulo pela alteração interna: do que pode fugir é externo, do que não pode é interno. A expansão paulatina desse ego vai dando contornos a outro, o Ego de Prazer Purificado (Freud, 1920/1996b), o qual, regido pelo princípio de prazer e apropriado do juízo de atribuição, vai se valer de mecanismos para expulsar de si o desprazeroso e permanecer com o que é satisfatório, em um primeiro movimento de diferenciação entre eu e não-eu: o que é bom é eu, o que é mau é não-eu. Explorou-se como esse ego de prazer vai se constituindo com abertura das zonas erógenas e o surgimento do autoerotismo, configurando o narcisismo primário. Nesse momento constitutivo, o eu desvia de si a parte maior da pulsão de morte, a qual, enlaçada pela libido, é expulsa como agressividade destrutiva, deixando um “resto” no eu que é erotizado pela possibilidade da coexcitação sexual, característica da sexualidade infantil. Esse enlace de Eros com a porção da pulsão de morte que ali nesse eu incipiente permanece denominou-se de masoquismo erógeno constituinte. Pode-se pensar em como ataques sádicos do bebê ao objeto darão conta de deixar um “resto” de pulsão de morte no eu, processo que criará “fora” o objeto e fortalecerá “dentro” o masoquismo erógeno primário, correlato ao narcisismo primário estruturante, com a abertura das zonas erógenas e as vivências autoeróticas de uma incipiente sexualidade perverso-polimorfa. Freud vai denominar de *ambivalência* esse amálgama das pulsões que vai ao exterior, demonstrando o início de um duplo investimento pulsional no objeto, retrato da intrincação *relativa* como pontua B. Rosenberg (2003).

A força conjuntiva da libido, com sua propriedade de enlace e contenção da força disruptiva e silenciosa da pulsão de morte permite que se pense, para além da dualidade Eros e pulsão de morte, uma “intrincação conceitual” da dualidade masoquismo erógeno primário e narcisismo primário. Em *O ego e o id*, Freud (1923/1996c) vai postular que a pulsão de morte vai pressionar a libido narcísica em direção aos objetos quando seu excesso é expulso do psiquismo no tempo dessa primeira intrincação de Eros com a pulsão desgarrada. Dito melhor: o escoamento para o exterior do psiquismo desse excesso quantitativo que pulsa e pede por destino abrirá os canais da sensorialidade, inaugurará o prazer dos órgãos e o surgimento do ego ideal.

Rosenberg (2003) propõe que se possa falar de *desintrincações pulsionais positivas e patológicas*, conforme o grau de desenlace relativo de Eros e pulsão de morte. Uma desintrincação positiva seria a construção do objeto e a construção do próprio aparelho psíquico, através desse *desligamento relativo* que se evidencia naquilo que Green (2010) nomeou de *trabalho do negativo*. A *projeção* seria uma *negação primária*, segundo o autor, pois que aponta para um não-pertencimento em si de alguns conteúdos psíquicos que são colocados para fora, são expulsos,

negados a pertencerem ao eu primordial. Green (2010) refere que se trataria de uma *expulsão-negação-projeção primária* configurada como uma defesa incipiente contra a pulsão de morte, a qual quer fazer retornar ao zero a tensão sem promover tempo de ligação, de elaboração psíquica, de objetalização, processos que fomentam a complexização vital do ego. Propõe, assim, o questionamento de um possível paradoxo: teria a pulsão de morte também uma função vital na medida em que se desvia ao exterior como pulsão de destruição, evitando o colapso do ego incipiente? Como não considerar positiva e estruturante a capacidade do eu primitivo de expulsar/negar uma parte de si para o exterior de forma a poder proteger-se de seu potencial aniquilador? Convida, então, a pensar em um masoquismo de vida, estruturante, qualificador, em dualidade com um masoquismo mortífero, não erógeno.

Rosenberg (2003) aponta que essa negação, essa parte da pulsão de morte desviada para fora do eu, esse desvio, é a própria representação da intrincação pulsional. Essa projeção, enquanto negação primordial, advinda de um primeiro enlace pulsional, seria a base de formas de negação/expulsão cada vez mais complexas a ponto de serem fatores de futuras ligações e elaboração que irão caracterizar o funcionamento do psiquismo como um aparelho de promoção de ligações e desligamentos, processos subjacentes à complexização chamada vida (Freud, 1930/1996d). A negação mais “ligada e ligante”, afirma Rosenberg (2003) — valendo-se do construto de *trabalho do negativo* de Green (2010) — seria a denegação e o recalque, dentre as outras formas de negação patológicas como a desmentida e a forclusão. O autor aponta o paradoxo suscitado pelo fato de toda negação ser uma expulsão daquilo que é negado: aqui a negação se evidencia como parte da pulsão de morte que separa, desliga, desagrega; por outro lado, a projeção psicótica que cria o delírio se apresentaria como elaborativa do objeto recusado, na medida em que promove ligações para construir esse *neo*-objeto que é o delírio. O trabalho de ligação da projeção psicótica conformaria o paradoxo com o trabalho de desligamento que a recusa da realidade manifesta.

Essa condição paradoxal do funcionamento pulsional levou Rosenberg (2003) a ampliar as ideias freudianas de que o eu só se constituirá e se desenvolverá na proporção em que conseguir desviar suas pulsões de seus alvos em certa medida (Freud, 1917/2006). Isso porque investimentos excessivos — ligação demasiada — absorvem um montante perigoso de libido narcisista que fará falta para o eu se defender dos ataques internos. Na melancolia, o retorno maciço da pulsão de destruição do exterior para o interior obstaculizará a função objetalizante no eu, impedindo a fluidez do processo de *ligação-desligamento-nova ligação*, ou como postula Freud (1917/2006, 1930/1996d), impedirá o trabalho do luto e iniciará o trabalho da melancolia, com sua impossibilidade de desligamento

das figuras parentais internalizadas, pois que o eu só consegue existir “à sombra do objeto”.

Rosenberg (2003) enfatiza a ideia de que as próprias fixações libidinais diriam do intrincamento pulsional: elas representariam um esforço de Eros em estancar um processo regressivo que poderia ir ao nível zero de tensão, dissolvendo e desligando o eu. Ele observa o quanto as “regressões catastróficas” de alguns psicóticos dariam mostras da desintração pulsional na medida em que a pulsão de vida não conseguiu ligar libido às fases, ficando mais potente a pulsão de morte em seu processo de desligamento da realidade. Dessa forma, o autor pontua a dupla função de ligação da pulsão de vida: no sentido progressivo, ao integrar-complexificar-expandir, e no sentido que denomina de antirregressivo, fixando a libido a fases e objetos para evitar uma regressão perigosa fomentada pela pulsão de morte agindo em busca regressiva de desligamentos até o nível zero de tensão.

Considerações finais

A partir das pinceladas dadas por Freud, Green e Rosenberg de como vai se configurando o masoquismo erógeno primário através do enlace da pulsão de morte por Eros — intrincação pulsional primária —, procurou-se uma possibilidade de figurar esse momento primeiro que vai permitir a formação do narcisismo primário e seu amadurecimento. Nas transformações propiciadas por esse tempo passivo de dor erogeneizada é permitido o acontecer da complexização da vida psíquica e o asseguramento da vida como um todo. Valendo-se da dimensão temporal de espera/esperança passiva que essa erotização da dor abre, o eu primário vai adquirindo a possibilidade de desviar uma parte da pulsão de morte e servir-se dela para complexizar-se com a criação do objeto, primeiramente odiado e depois, promovendo maior integração egóica com o surgimento da ambivalência constitutiva de amor e ódio (Freud, 1923/1996c, 1925/2007b). Abrindo-se aí a oportunidade do trabalho do negativo (Green, 2010), os movimentos de *ligação-desligamento-nova ligação* vão se dando das mais variadas formas, desde negações instauradoras dos lugares-função psíquicos até negações características de patologias mais complexas e desestruturantes do eu. Em todos esses movimentos, o masoquismo erógeno vai sustentando no tempo a capacidade do eu de suportar as mazelas da vida humana, o que inspirou Rosenberg a nomear esse movimento da constituição do eu de *masoquismo guardião da vida* e, tomando para si a dualidade que permeou a obra freudiana em seus mais variados conceitos, rotular o masoquismo investido excessivamente pela libido — um masoquismo que “deu muito certo” — de *masoquismo mortífero*.

Assim, ao referirmos os pacientes com patologias narcísicas, em que a construção do eu está ameaçada ou mal realizada, podemos fazer trabalhar em nós as ideias de Freud sobre o masoquismo erógeno primário e seu correlato temporal, a intrincação pulsional, ventilando hipóteses sobre seus impedimentos e vicissitudes do universo narcísico desses sujeitos. promovendo o refinamento de nossa escuta. Quiçá intrincações teóricas possam fomentar que tenhamos mais esperança na busca — ou na criação — de dispositivos mais eficazes para expandir nosso fazer analítico a fim de dar conta das configurações de sofrimento que circulam pelo universo das quantidades que não conseguem ser representadas e que não contam histórias, mas dizem de si por atos destrutivos-desligantes, no mundo e no corpo.

Drive dualism and the constitution of the self: theoretical intricacies

Abstract: Many have focused on Freudian thought after 1920 with regard to the constitution of the self based on drive duality, markedly on manifestations of the intricacy of the two fundamental drives set in the time of primary erogenous masochism. This essay proposes to develop links between Freudian metapsychological constructions regarding the unfolding of the second topic (Freud, 1920/1996b, 1923/1996c, 1924/2007a, 1925/2007b, 1930/1996d) and the contributions of André Green (1988, 1990, 2008) on these primordial processes that constitute the psyche, as well as their obstacles or limitations, also resorting to the reviews and conceptual constructions of Benno Rosenberg (2003) and Renné Roussillon (2019). Starting from Freud and borrowing the theoretical models of Green and Rosenberg on how primary erogenous masochism is configured through primary drive intricacy, the article revisits the time-space where the Purified Pleasure Ego will gradually promote the complexization of psychic life and the assurance of life as a whole. Taking advantage of the temporal dimension of waiting/hope promoted by the eroticization of pain, this primitive self acquires the possibility of deflecting a part of the death drive and uses it to become more complex), enabling the encounter with the object and the correlate development of the self as a psychic subject. Placing the work of the negative (Green, 2010) in these processes of egoic development, the connection-detachment-new connection movements are explored, which can occur in the most varied ways, from denials that establish psychic function-places to processes of denial that promote the most severe pathologies. Thus, working on the ideas about primary erogenous masochism and primary narcissism, we seek to expand the analytical work, summoned by the different ways of being and suffering that speak of a clinic of

the non-erogenous, of the non-represented and their wordless manifestations, through action in the body and in the world.

Keywords: Constitution of the self. Drive dualism. Primary erogenous masochism.

Referências

Bion, W. (2003). *Aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962).

Freud, S. (1974). A interpretação dos sonhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vols. 5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

Freud, S. (1996a). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 347-443). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950).

Freud, S. (1996b). Além do princípio do prazer. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (1996c). O ego e o id. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

Freud, S. (1996d). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).

Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: 1911-1915* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (2006). Luto e melancolia (Luiz Alberto Hanns, Trad.). In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1917).

Freud, S. (2007a). O problema econômico do masoquismo (Luiz Alberto Hanns, Trad.). In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Vol. 3, pp. 105-124). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).

- Freud, S. (2007b). *A negativa* (Luiz Alberto Hanns, Trad.). In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Vol. 3, pp. 145-157). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).
- Green, A. (1988a). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (1988b). *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (1990). *Conferências brasileiras de André Green: Metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (2010). *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed.
- Rosenberg, B. (2003). *Masoquismo mortífero, masoquismo guardião da vida*. São Paulo: Escuta.
- Roussillon, R. (2019). *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. São Paulo: Blucher.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 04/03/2022

Aceito em: 30/05/2022

Luciene Menegaz Beckenkamp
Rua Anita Garibaldi, 1143 / 403
9450-001 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: lmbeckenkamp@gmail.com